

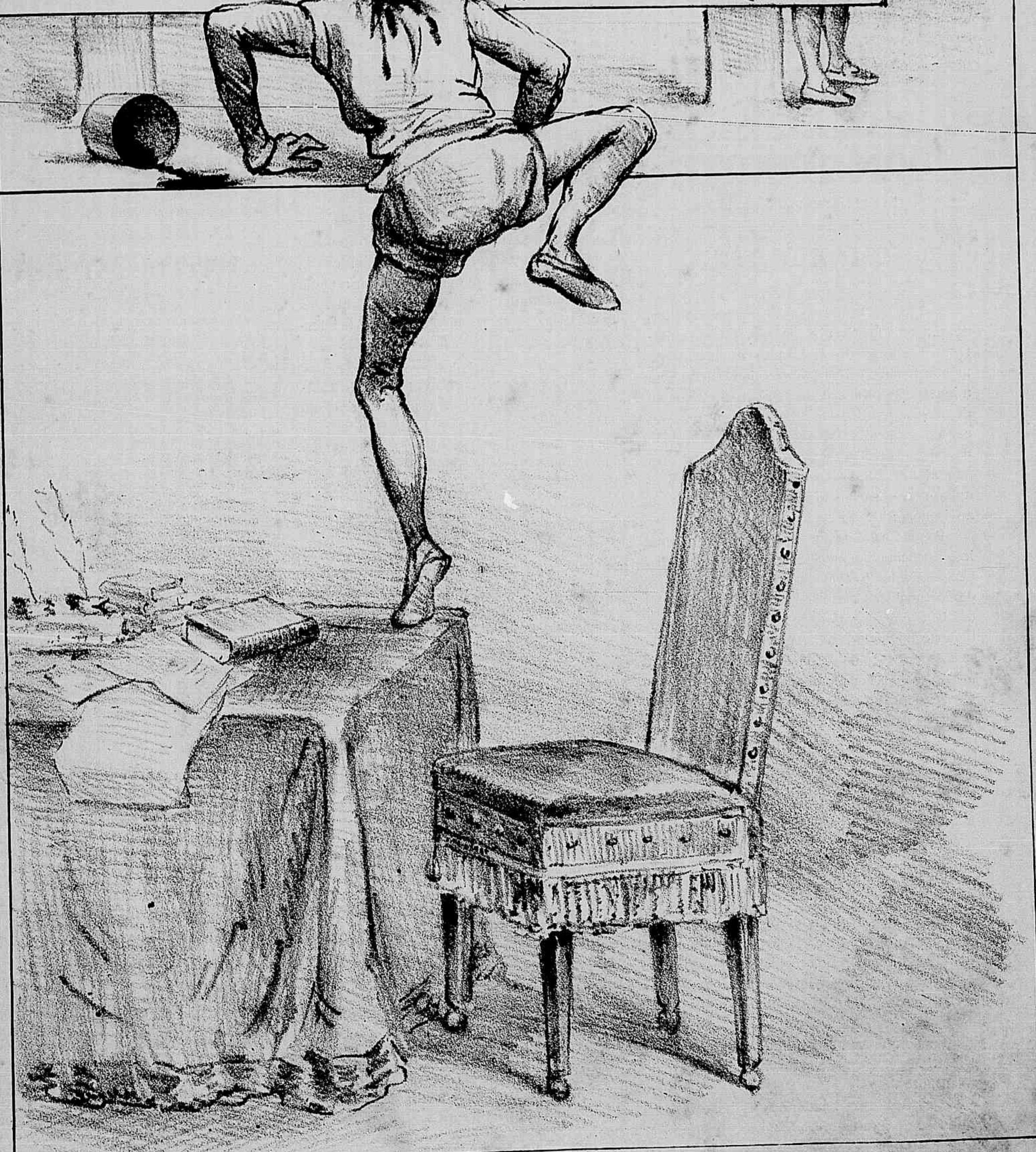
Anno 1:

Rio de Janeiro

Nº 18

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de ANGELO AGOSTINI
R. OUVIDOR 109



? ? ? ?

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 20\$000	Anno..... 24\$000
Semestre 12\$000	Semestre ... 14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, assim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *Don Quixote* a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assinal-o, o façam quanto antes, pois, una vez esgotadas as edições, será difícil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 25 de Maio de 1895.

THOMAZ RIBEIRO

Com a boa comprehensão, que presume ter, do que mais legitima e verdadeiramente interessa ao progresso civilizador e engrandecimento do paiz, o *Don Quixote*, que saudou com a ilustração principal do seu numero 9 o facto de elevada politica que restabeleceu as relações cordeas entre Portugal e o Brazil, não pode deixar de regosijar-se com a chegada a esta capital do Ex. Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, digno representante do governo portuguez junto ao da nossa joven e esperançosa Republica.

Poeta e estadista notável, aliando a uma intelligencia e ilustração superiores uma politéz nimiamente cavalheirosa, o novo ministro de Portugal no Brazil é uma solida garantia das boas e amistosas relações dos dous povos tão estreitamente ligados por laços inquebrantaveis derivados da sua historia e consolidados no sangue dos seus habitantes.

E assim, o *Don Quixote*, juntando a sua voz sincera e convicta ao coro unisono de toda a imprensa brazileira, apresenta ao illustre diplomata recem-chegado a homenagem da sua saudação.

DON QUIXOTE.

TOPICOS

Se fosse possível duvidar de que a maioria da camara do Sr. Glycerio está inteiramente divorciada da maioria da opinião nacional, os successos alli ultimamente desenrolados viriam desfazer, apagar essa duvida, substituindo-a pela mais cruel certeza que um povo pode ter de que está sendo ludibriado e compromettido pelos que se arvoraram em seus representantes.

Na realidade essa maioria que, pelo verbo habilidoso do infatuated *leader*, accentuou a in-

transigencia do seu nefasto florianismo; que pelos bigodes suspeitos do Sr. Pinto da Rocha, endeosou o castilhismo impatriotico e feroz— acaba de revelar o traço ridiculo da sua acañhadissima feição, mediante o nephilibatismo jacobino do Sr. Dr. Coelho Erico, ouvido sem protestos e até mesmo secundado e applaudido.

Resta sómente, que um dos augustos glyceriados venha á tribuna justificar os crimes e os criminosos em nome da *legalidade*, para que essa maioria acabe de conquistar o lugar que lhe reserva a historia de uma nação, no cupitulo — Calamidades publicas...

Honra lhe seja!

Mas, se essa maioria está deliberada a menosprezar o nosso nome de povo civilizado, para satisfação do seu caricato *chauvinismo* — nós, da imprensa, dessa imprensa que não bate palmas ao jacobinismo hydrophobo e soez de quem quer que seja — estamos tambem deliberados a combater sem tregos os destampatorios truanescos e as perfidias cavilosas dessa maioria impavida que se julga amparada nas bayonetas dos soldados.

E a não ser que nos mandem assassinar traíçoeiramente, havemos de repellir, em nome da maioria da nação, as sincadas politicas da maioria da camara, que visarem lançar a nossa patria no caminho escabroso das dificuldades diplomaticas, da guerra civil ou da guerra internacional.

Se a camara não tem um presidente suficientemente energico, para chamar á razão e á ordem deputados que propositalmente a perdem, na palavra e na compostura, e, nesse estado de quasi irresponsabilidade emittem conceitos imbecis e nimiamente insultuosos a a pessoas e cousas respeitaveis — não se pode levar a mal que a imprensa procure attenuar os males causados pela inconveniencia dos oradores, exercendo o seu direito de critica, garantido pela constituição da Republica.

Por muito que os governos corruptores e dictatorias tenham imbecilizado e bestificado o caracter nacional, não pôde a camara extranhar que na imprensa livre e sempre independente de auxilios officiaes, ainda reste a energia moral necessaria para o protesto em nome das tradicções desse caracter.

E seria profundamente lastimavel que os Srs. deputados pudessem dar livre passo ás idéas mais exdruxulas, mais *fin de siècle*, despejadamente, sem que as seguisse de perto o antidoto da critica em nome do senso commun, para não se arraigar lá por fóra a convicção de que o Brasil é totalmente um paiz de malucos!

E' preciso que o Sr. presidente da Camara se capacite de que no lugar que occupa não exerce a função de simples representante de um partido... que não existe, aliás.

Embora eleito pelos votos partidarios de uma fraccão da camara, é S. Ex. o representante legal dessa camara toda e o responsavel pelo que de inconveniente e de incivil nella se disser, pois que, reciprocamente, lhe cabera a gloria do que alli porventura se fizer a bem da nação.

Nestas condições, S. Ex. não pôde nem deve hesitar em chamar á ordem o deputado que se esquecer de que a camara é uma corporação que precisa de ser respeitada para que as suas deliberações sejam tomadas a serio.

Se o regimento não lhe dá expressamente o direito de, por esse modo, protestar e salvar o decoro e o prestigio da camara, é porque não se cogitou de reprimir inconveniencias como as que alli se tem proferido, pela razão aceitável de que não se podia pensar que taes excessos viessem a ser commettidos.

E o que o bom senso está a dizer é que as lacunas do regulamento, devem ser supridas pela capacidade moral dos que são eleitos para dirigir os trabalhos legislativos.

Não fazer isso e deixar que os deputados desmintam impunemente e solemnemente os nossos creditos de povo civilizado, é colocar a imprensa na obrigação restricta de protestar em nome desses creditos que ella se esforça por sustentar, a despeito de tudo que em contrario se pratica.

Eis porque protestamos.

APPELLO PATRIOTICO

O *Paiz*, em sua edição de 22 do corrente, publicou sob este titulo um brilhante artigo de fundo, de que destacamos os trechos seguintes:

« É deprimente para os creditos da nossa patria o que ha trez dias se diz e se faz na capital da Republica, contra o Sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, eminente representante de sua magestade fidelissima.

« Somos hoje forçados a quebrar o silencio de tristes com que vimos desenrolarem-se as primeiras scenas de desrespeito ao representante de uma nação amiga, para nos dirigirmos em publico, a todos os que têm tomado parte n'essas manifestações arruaceiras, sem fundamento justo e sem um nobre ideal, pedindo-lhes, a bem da dignidade nacional, a bem do decoro e do prestigio das instituições, que ponham cobro a esse espectaculo mais proprio de um paiz atrazado, entregue a uma demagogia censurável, do que de uma nação civilizada como o Brazil se ufana de ser.

« É preciso para honra de todos que isso acabe. Parece impossivel a verdade que se intitulem republicanos, os homens que por ahí têm andado a retribuir á nação portugueza, com disturbios, com provocações, com objurgatorias vermelhas, as amabilidades extremas, as cortezias de tão captivante gentileza com que foi recebido em Portugal o representante do Brazil. Se esses cidadãos supuzeram ou suppõem que estão desagravando a nossa patria, que estão affirmando, pelo orgão das suas agitações turbulentas, o decoro nacional offendido, enganam-se redondamente.

« Até hoje esses irriquitos provocadores só têm conseguido envergonhar os que, de espirito claro, livre de preconceitos de facção, sinceramente patriotas, têm assistido a esses actos de intolerancia, que tão desfavoravelmente depõem sobre a nossa capacidade social, sobre a nossa intelligencia e sobre a nossa educação.

« O que se está fazendo e o que se está dizendo, repetimos, constitue neste momento o mais triste symptom de irreflexão, em assumpto de sua natureza tão serio e tão melindroso.

« A bem do nosso nome de povo culto, a bem da nossa Patria já tão agitada, a bem da Republica, que atravessa hoje talvez a crise mais profunda da sua curta existencia institucional, é preciso que se ponha um termo a esses desatinos.

« Basta de erros, basta de declamações estereis, basta de arruaças e de desordens, que nada edificam, que tanto prejudicam o nosso

credito, o socorro e a tranquillidade da nossa sociedade.

« A Republica precisa de paz, de sympathia, de credito. Já é tempo de acalmar as paixões e de trabalhar pela reparação destes males que, na ordem social e na ordem económica, nos têm causado as convulsões politicas em que a patria se tem dolorosamente agitado. »

Folgamos de estar nesta questão inteiramente de acordo com a opinião do nosso collega, tão sensatamente expandida.

Seja-nos por isso relevada a liberdade que tomamos, fazendo a transcrição acima com a qual muito honramos as nossas columnas.

Oxalá que muitas ocasiões como estas se nos deparem, nesta faina de orientar a opinião publica !...

AMNISTIA

Está conhecido na integra o substitutivo do projecto de amnistia apresentado pelo Sr. Campos Salles e adoptado pelas comissões de constituição e justiça.

Respeitando a opinião do seu illustre autor, excluindo da amnistia os chefes da revolução do Sul e da de 6 de Setembro, não podemos deixar de estranhar o § 2º do Art. 1º, que veda aos officiaes « o direito de reversão á actividade do serviço », direito incontestável pelo efecto da amnistia, se é de amnistia que se quer tratar.

Parece incrivel que a espiritos superiores, como julgamos ser o do Sr. Campos Salles e o dos membros das comissões do Senado, não repugnasse a singularidade de uma *amnistia* com a restrição do § 2º, que revoga um direito implicito n'aquelle e ao mesmo tempo como que impõe uma penalidade absurda, pois, em lugar de ser resultante de um processo regular, resulta da inteira suppressão que se faz de qualquer processo.

Isto pelo lado jurídico da questão.

Pelo moral, o projecto de amnistia restrin-gido pelo tal § 2º, é contristador.

Vê-se que não existe o desejo de congraçar a familia brasileira, de fazer esquecer males insanáveis, dissensões profundas, para se entrar na larga estrada da paz, da ordem e do trabalho.

O que se procura é amesquinhar a posição dos que, erradamente ou não, entenderam pegar em armas para defesa das liberdades que elles suppuzeram ameaçadas.

Não se trata de levantar a fronte dos materialmente vencidos, abatida ao peso das consequencias cruciantes de um longo exilio, com o amplexo leal de um governo forte; não se trata de fazer penetrar no campo dos que ainda combatem um raio dessa política de amor e fraternidade que illumine as consciencias porventura transviadas, fazendo antever a serenidade de um futuro dedicado á familia e á patria. Trata-se apenas de abusar da posição precaria de uns, humilhando-os com um simples indulto; de enfraquecer as forças de outros, acenando a alguns com uma amnistia capciosa.

Ha ainda a considerar que o projecto de amnistia com a restrição odiosa do § 2º impedirá que voltem á effectividade do serviço, officiaes do exercito e da armada, cuja fé de officio, cuja capacidade manifesta não são para desprezar.

Não nos faltam, felizmente, officiaes valentes, instruidos; mas nunca será motivo de arrependimento, procurar-se aumentar o quadro dos que em hora suprema possam defender com valor a honra da nação.

E, se se pretende impedir que os moços officiaes perdoados e castigados pela mesma lei voltem á effectividade do seu serviço, isto é, ao exercicio da nobre carreira em que fizeram um nome — providenciou já o governo para que elles encontrem no Brazil os recursos com que têm de attender á sua e á manutenção de suas famílias?

Decididamente, é preciso que o projecto de amnistia seja digno dos sentimentos de humanidade que sempre nos caracterisaram, não obstante o eclipse produzido pelos fastos da legalidade.

E' preciso que elle não seja uma lei ei-vada de partidarismo, uma lei manca, amesquinha por aquella muleta do § 2º do Art. 1º.

ROCHEFORT.

TAGARELICES

Eu fui um dos muitos curiosos que foram na terça-feira á Camara dos Srs. Deputados apreciar a cortezia fim de seculo com que o Dr. Erico Coelho se dignou manifestar o seu especial agrado pela chegada, a estas plagas brasileiras, do conselheiro Thomaz Ribeiro como representante do governo portuguez junto ao governo da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O illustre representante do Estado do Rio, com aquelle fino espirito que o torna apto para compadre de uma *Revista comica* do anno que corre, já na sessão de sabbado havia dado uma amostra da sua sympathy pelo notavel poeta do *D. Jayme*, e foi por isso que a minha curiosidade foi aguçada ao ler nas folhas da tarde de segunda-feira, o annuncio que S. Ex. fez na Camara de que no dia seguinte ia soltar o seu eloquente verbo para acachapar a critica que o *Jornal do Commercio* ousou fazer da nobre compostura que a Camara e S. Ex. tem mostrado na presente sessão.

Tive o prazer de ver o espirituoso orador discorrer á cerca dos orgãos da imprensa, definindo o caracter generico de cada um, merecendo unanimes aplausos o exemplo em que S. Ex. se figurou orgão de uma corporação de engraxates, e a graça com que cantou a popular cançoneta:

Chegou! chegou! chegou!
Agora, agora, agora!
Chegou! chegou! chegou!
Inda não ha meia ...

Realmente, não se pôde ser nem mais parlamentar, nem mais engracado!

O peior foi que, com todos esses argumentos, S. Ex., longe de combater a critica do grande orgão, ainda mais a justificou.

Não ha duvida que S. Ex. é muito engracado, que tem pilherias que provocam as gargalhadas dos seus collegas, e c. m. as quaes, conforme vaticinei na minha ultima Tagarellice, vae passando a perna ao Sr. José Carlos; mas não é com taes fagundices que se demonstra que o *Jornal do Commercio* não teve razão na critica que fez do procedimento da Camara e de S. Ex.

Nessa critica, o dito *Jornal* qualificou de pouco criteriosa e pouco digna a attitudem assumida pela maioria dos pseudos representantes da nação relativamente á Republica Oriental e ao novo ministro portuguez; e o Sr. deputado Erico Coelho, sem nada produzir em contestação de tal censura, discorreu sobre o que deve ser considerado orgão da opinião nacional, cantarolou uma cançoneta e varou a fura-bolo a illustração de um periodico!

Ora, se com taes argumentos alguem ficou acachapado, não foi, de certo, o *Jornal do Commercio*, mas...

Se eu acreditasse nos phenomenos espiritas com que o Sr. general Quadros procura justificar os seus actos de deshumanidade praticados no Paraná, seria levado a crer que o illustre lente e deputado estava obcedido pelo espirito de algum d'aqueles fidalgos hespanhóes que figuram no D. Jayme, para affligr o poeta que com tão negras cores os pintou.

A' falta dessa crença, eu, que acredito que ao Sr. Dr. Erico Coelho não fallecem nem dotes de intelligencia, nem conhecimentos de boa educação e deveres de civilidade, só posso atribuir o seu procedimento para com o Sr. Thomaz Ribeiro a uma enfermidade de que tem manifestado symptomas de ha tempos a esta parte: — a monomania da berra.

Sim, S. Ex. quer berra! quer que se fale d'elle!... muito! muito!... dentro e fóra do paiz!

Esta suspeita suggeriu-m'a aquele caso em que elle se figurou orgão de uma corporação de engraxates.

Não foi á tóa que elle se figurou n'este caso.

O exemplo da graxa assagava no seu espirito a esperança da realidade da sua aspiração de andar na berra.

Um fabricante de graxa para lustrar botas concebeu um dia um plano vandalico, com o qual procurou celebrisar-se a si e ao producto da sua industria.

Foi ás pyramides do Egypto, e, com uma picareta, esculpio nas mesmas em grandes caracteres, destruindo-lhes as preciosas inscrições hieroglificas, que ellas continham, o seguinte annuncio:

USEM A GRAXA MASSON

A noticia d'este vandalismo, chegando ao conhecimento das sociedades archeologicas da Europa, produziu o maior escandalo, e toda a imprensa clamou, em longos artigos, contra a descomunal selvageria d'esse attentado.

E tanto bastou para que em todo o mundo se fallasse de Masson e da sua graxa.

Pois o Sr. Dr. Erico Coelho teve identico pensamento.

Imaginou que a celebriade do illustre poeta era uma pyramide, e, ao vél-o chegar a esta capital, armou-se da picareta da sua desorteza e zás!...

Foi aquella... amabilidade que se viu!

Agora S. Ex., de braços cruzados e fronte altaiva, aguarda a repercussão na Europa do seu escandalo diplomatico para ver celebrisada a sua graxa... quero dizer a sua graça, isto é, o seu nome de Coelho correr como uma lebre de bocca em bocca n'um berreiro de o pôr doido!

E depois de assim ter criado tanta fama S. Ex. poderá ir... dormir.

MESTRE NICOLAU.

DEGRINGOLADA

Mas... Santo Deus! onde é que parar vamos?
Onde se vio jâmais tanta doidice?
Quem, longe, por um óculo nos visse
Diria que inda em trevas lacteainos!

Se no Treze de Maio conquistamos
Louvor que nunca de ninguem se disse,
Hoje, pelo caminho da sandice
P'ra a condição selvagem regressamos!

Vai-se operetisando o parlamento
Com palhaçadas que provocam riso
Neste mui grave historico momento!

E, desnorteada, sem criterio, ou siso,
A mocidade, em bando turbulento,
Dá por pedras e paus, perde o juizo!

SANCHO PANSA.

Lettras e Arte

FRUCTO PROHIBIDO

COELHO NETTO

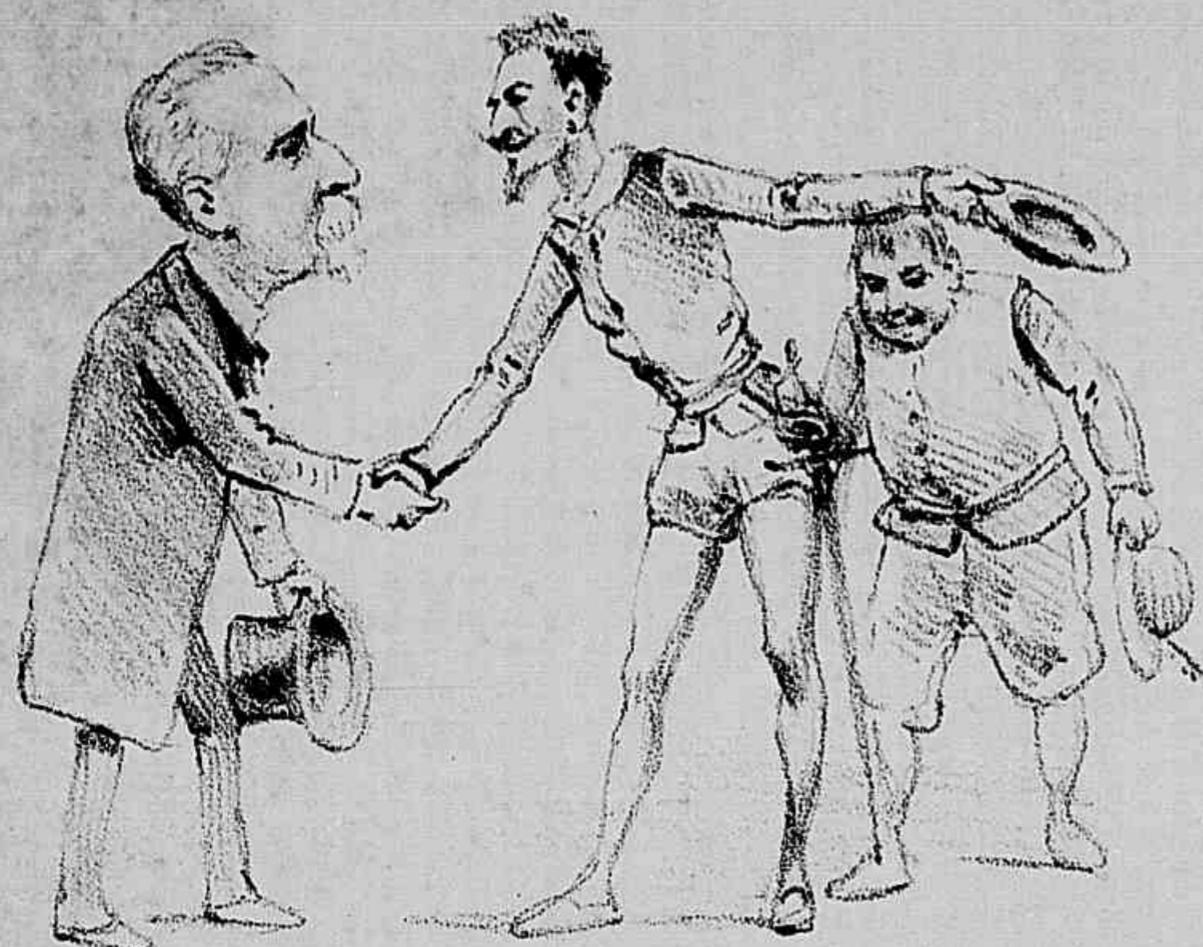
Coelho Netto, o primoroso prosador que o publico conhece e admira, reunio em livro alguns contos com o titulo acima, contos leves, despretenciosos, como elle mesmo affirma, contos de transição para trabalhos mais sérios. Cremos que isso é apenas modestia do auctor, pois lemos esses contos e agradaram-nos extraordinariamente, apezar de conhecermos alguns, que já foram publicados em jornaes, quasi todos. *A nostalgie da vaga*, *O modelo de Venus*, *Beijos nos olhos*, são verdadeiros primores litterarios.

Coelho Netto é, incontestavelmente, um poeta em prosa e um estylista correcto.

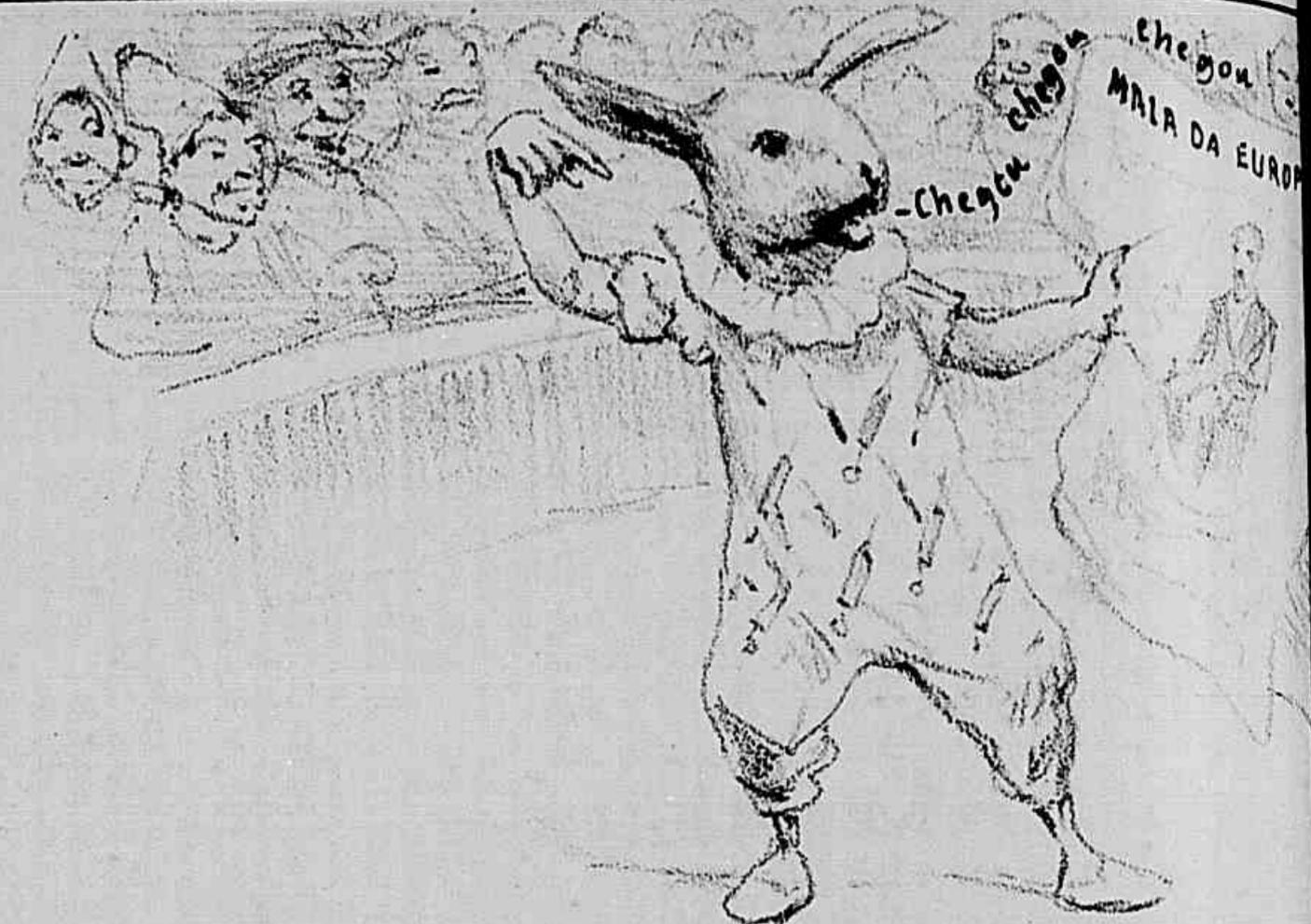
O seu livro *Fructo Prohibido* veio ainda uma vez demonstrar ao lado das *Rhapsodias*, das *Balladinhas* e etc., o merito do seu actor.

Parabens.

L. N.



Don Quixote comprimenta o illustre representante da nação portuguesa, e pede a S. Exª de desculpar as tolices de alguns desmiolados.



entre os quais salientou-se um desfrutável parolamentar, representando seções comidas como em circo de Cavallinhos. - Chegou MALA DA EUROPA

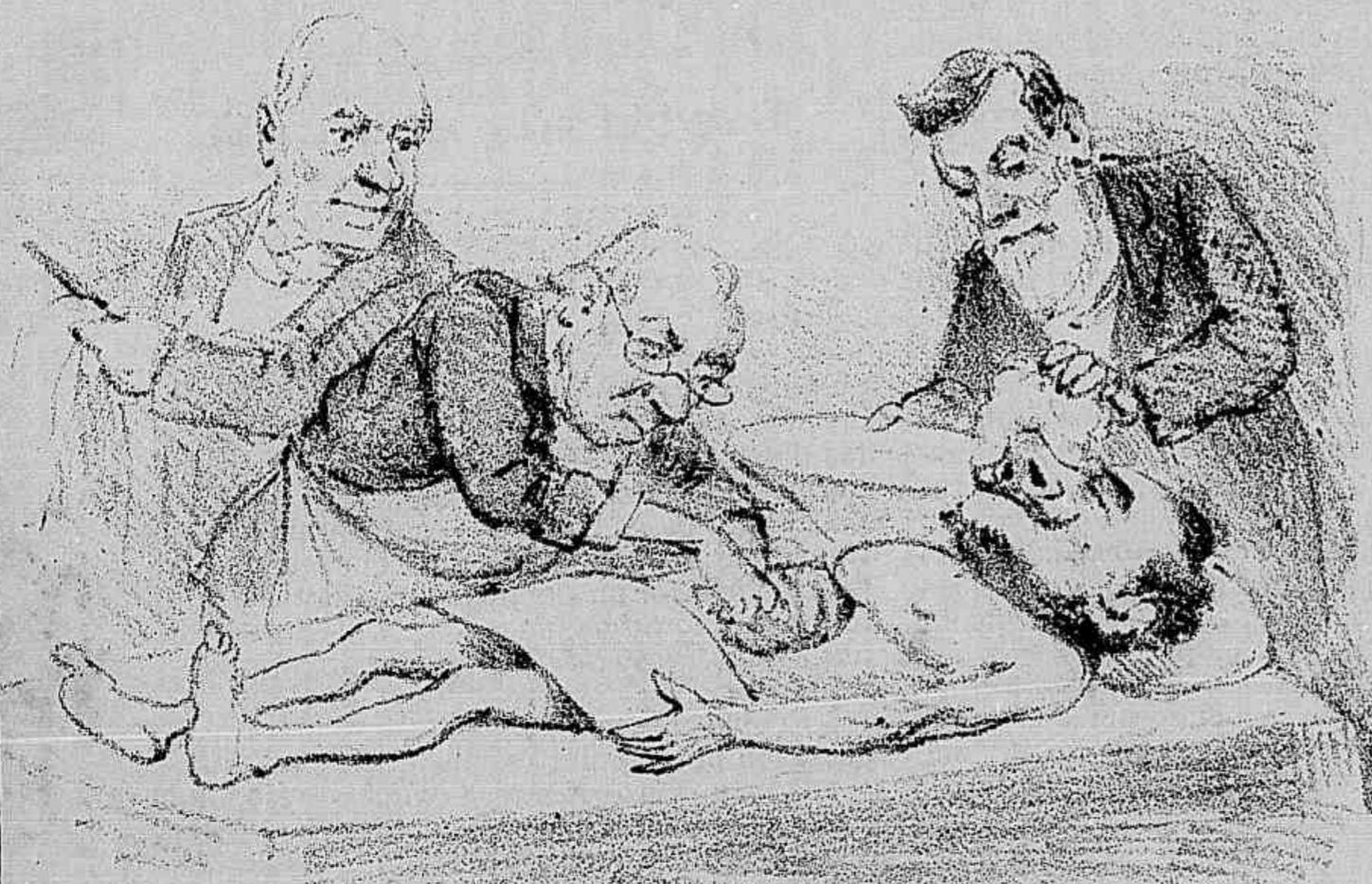


Esta ericada foi objecto dos mais variados commentarios. A rna do Ouvidor tomou farto regabofe!



A que attribue V. aquelle deslmpero?
- Sei lá! O Xama disse que foi falta de sal, mas o Glycerio affirma que foi falta de... guarda chuva...

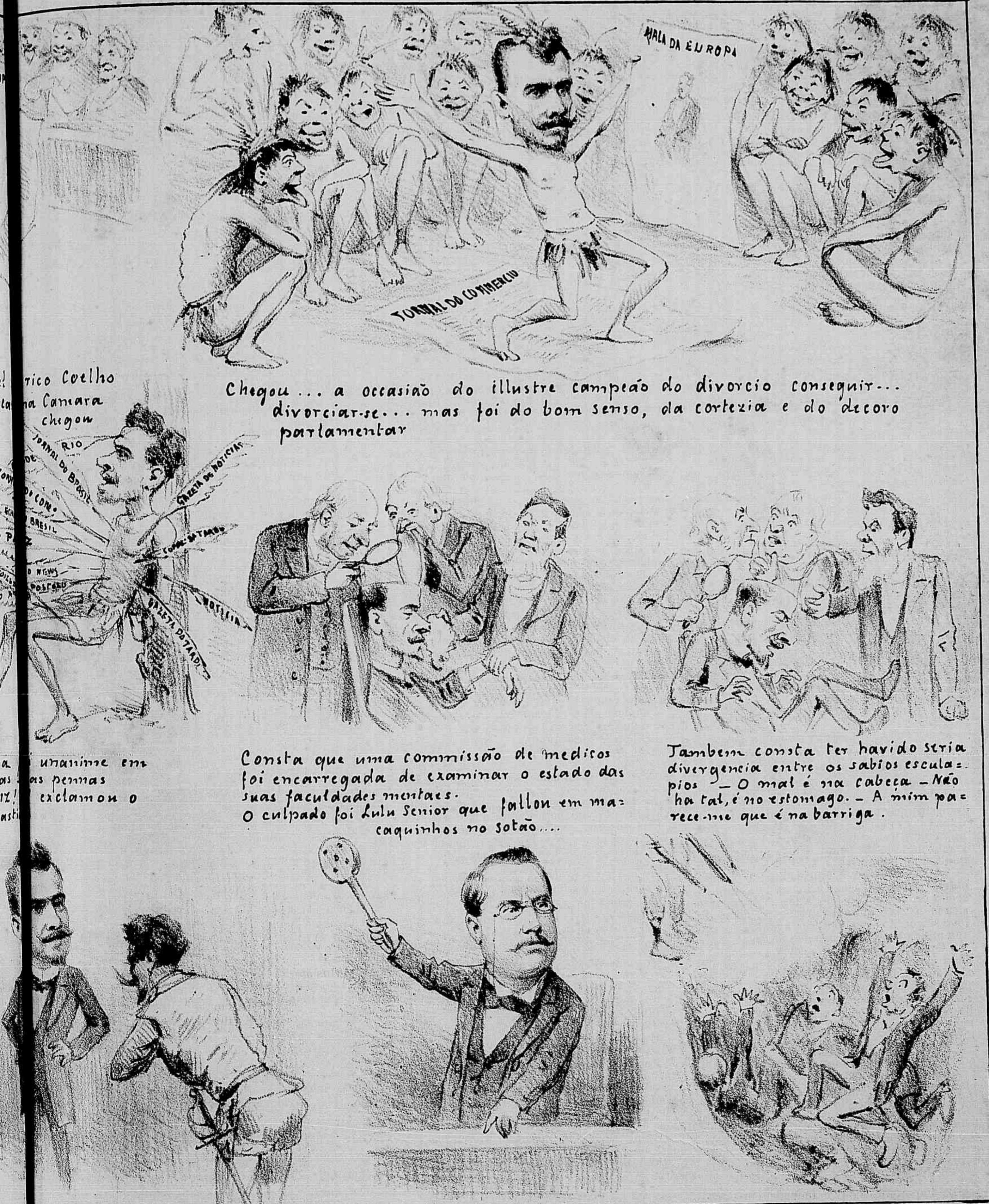
A imprensa
criava-lhe os
- Até o "PAIZ"
novo S. Sebastião



Para sanar duvidas, consta ainda que outro exame foi feito no illustre doente.



Depois desses exames, um relatorio foi apresentado ao Vice presidente da Camara recomendando-lhe que nunca mais desse a palavra ao doente logo depois do almoço.



Don Quixote faz votos para que S. Exa.
fique de todo restabelecida.
Ai da por cima estâ-me dedicando!
No Sr., faltó serio

Outro que sofre da bota.
Attitude do jovem senador Vi-
cente do Paraná no Senado.
O caloiro revela o despota.

Se o Senado funcionasse em Curis-
tyba, em vez de botos seriam
balas. - Saúde e fraternidade

A CIGARRA

Cá o temos, o n.º 3 da primorosa *Cigarra*, que, como os anteriores, vem fulgurante de Arte e de espirito.

Na primeira pagina o retrato do Dr. Assis Brazil, o ministro enviado extraordinario do Brazil em Portugal, e que n'este momento é objecto da mais entusiastica e mais sincera sympathia do povo português, que com estrondosas festas o recebeu.

Nas paginas centraes as pennas adoraveis de Sanches da Gama, Bilac, Ferreira de Araujo e outras de igual valor, batem-se num duello de espirito com a admiravel penna de Julião Machado.

Na ultima pagina o perfil grotesco de um Mirabeau cabofriado e *fin de siècle*, em accão de recitar uns versos, que, felizmente para quem os ouve, não são d'elle, estende o braço e o fura-bolos como para indicar á furia jacobina o poeta de que se fez zoilo.

A continuar assim, a *Cigarra*, dentro em pouco ficaremos esgotados de phrases laudatorias, e só nos restará para recebel-a a eloquencia admirativa de silenciosos...!!!

V. VIEIRA.

CHINOISERIES

Almas, sorrisos e flores, corações e pensamento, que conheceis do talento o valor, os esplendores; vós que prezais essa flamma que o homem mais nobilita, que de entusiasmo palpita e na estrophe se derrama, saudai, saudai dignamente esse vate peregrino, que um abençoadão destino, trouxe á Brasileira gente. Sim, visita tão honrosa raras vezes recebemos; os louros dar-lhe devemos, que o valor apoteósa.

O' Musa, agora inspirai-me, engrandecei o meu verso p'ra saudar o genio terso, que me faz sentir D. Jayme!

Que nas *Vesperas*—de emoção—suspira e sentido falla e em *Sons que passam*, exhala, sons... que jámais passarão.

Manda-o a diplomacia, mas eu vejo nelle (é o caso) o enviado do Parnaso, o ministro da poesia.

Salve, ó grande mensageiro das musas! Ao genio amigo, ó poetas, erguei commigo—um viva,—a Thomaz Ribeiro!

LU-No.

INDUSTRIA NACIONAL

O Sr. Cardoso Monteiro, um laborioso estrangeiro que tanto se tem recomendado á estima de todos os naturaes deste paiz, que prezam o seu engrandecimento, não é só, como geralmente se sabe, um habilissimo fabricante de tinta de escrever.

A sua intelligente actividade estende-se a outros ramos da chimica industrial, enriquecendo de vez em quando a nossa já bastante rica industria com novos productos, que para logo são aceitos com o maior agrado, tal é a sua utilidade e excellencia de preparado.

Conjuntamente com um pote da sua optima tinta azul-preta, já muito acreditada e admitida ao uso das reparticoes publicas e principaes casas commerciaes, obsequiou-nos o operoso industrial com uma caixa contendo seis bocetas de pasta dentrificia composta do chamo lyrio florentino (da flora brasileira) com aroma e sabor agradabilissimos.

Além d'este producto, ofereceu-nos ainda o Sr. Cardoso Monteiro um frasco de excellente Senegalina perfumada, com o seu competente pincel — um outro producto de reconhecida utilidade para escritorio.

A's nossas gentis leitoras, que tão bem sabem zelar as preciosas perolas que lhes adornam as graciosas boccas, recommendamos a pasta do lyrio florentino de Cardoso Monteiro.

Da importante fabrica fundada em Curitiba pelo honrado e laborioso Barão de Serro Azul (que o anno passado foi barbaramente assassinado pelos delegados da sinistra Legaldade) recebemos uma pequena barrica de matte, que nos foi obsequiosamente enviada pelo distinto cavalheiro paranaense Sr. M. Correia de Freitas.

Os productos d'esta fabrica, a mais importante que existe no seu genero, tão justamente acreditados no Brazil e nas republicas do Prata, pela perfeição e igualdade com que são preparados, foram premiados nas Exposições do Chile, Rio de Janeiro, Paris e Philadelphia.

Em relatorio apresentado ao ministerio da Agricultura em 1880, o illustre Dr. Luis Couty, professor de biologia, refere-se a esta fabrica da maneira a mais honrosa, assignalando os sacrificios e aturados trabalhos empregados pelo seu fundador para atingir à perfeição a que soube levar a preparação do matte, ao qual a *Revista Scientifica* de Paris faz o melhor elogio.

E foi pela *legalidade* florianista assassinado um cidadão prestimoso, como este! um industrial do quilate do Barão do Serro Azul!

Tanto-ao Sr. Correia de Freitas, como ao Sr. Cardoso Monteiro agradecemos os productos com que nos obsequiaram.

Um bom brasileiro e um verdadeiro patriota o Sr. José de Vasconcellos!

Em quanto—verdadeiros Rabagas—muitos dos nossos compatriotas têm andado a alardear um patriotismo de parola, truculento e desnorteado, de uma politica anarchisadora e réles, o Sr. José de Vasconcellos, que muito bem mostra comprehendêr aquillo que mais interessa á prosperidade e engrandecimento da patria, entregava-se ao estudo de uma planta que até hoje tem sido considerada uma praga, e pode, graças a esse estudo, converter-se daqui para o futuro em uma inexgotável fonte de riqueza para o paiz.

Essa planta, que tem o nome scientifico de *Hedychium coronarium*, é vulgarmente conhecida pelos de *Jasmim do brejo*, *lyrio borboleta*, *copo de leite*, *narcisa* e outros.

Além da delicada essencia, que se pôde obter da sua aromatico flor, das suas raizes extraio o Sr. José de Vasconcellos o *polvilho indígena*, o *farelo indígena* e a *estopa indígena*, productos estes para os quaes acaba o seu laborioso descobridor de obter privilegio na conformidade da lei.

E' da maior utilidade publica a applicação a que se prestam taes productos.

O polvilho presta-se:

1º para o fabrico do pão sómente com o fermento de trigo.

2º para toda a sorte de biscuits que se possam fabricar com os congêneres.

3º para gomma, sendo superior aos outros pelo brilho natural, consistencia e facilidade no seu emprego.

4º para alimento de crianças e doentes, no que é superior ao da araruta, como de mais facil digestão.

O farelo é destinado ao alimento de criação, sendo nutriente como todos os farinaceos.

A estopa presta-se para tecidos (desde que seja clarificada chimicamente), para cordas, baixeiros, tapetes e, finalmente, pôde suprir as crinas vegetal e do mar, e ter todas as applicações da estopa do linho.

O concessionario vai entregar o fabrico d'esses productos aos lavradores brasileiros mediante contractos, e para maior facilidade de producção já se acha em construccion um machinismo simples, economico e de facil aquisição para os pequenos lavradores.

Esse apparelho recebe as raizes e distribue os tres productos.

Na vitrine da loja da rua do Ouvidor, 74 A expoz o Sr. Vasconcellos as raizes, o polvilho, o farelo e a estopa obtidos da preciosa planta, acompanhados do pão, e dos biscuits feitos com o polvilho, e amostras de applicações dadas á estopa.

Como descobridor d'esta importante riqueza nacionaal, não hesitamos em qualificar o Sr. José de Vasconcellos como benemerito da patria.

DOUS BRANDÕES •

Triolets para serem cantados na Camara, com a musica do Jacob-hymno, pelo engracado Sr. Dr. E'pobre Lebre, deputado pelo districto da Corda Quente, sem sciencia dos eletores.

E', como o outro, um colosso
O Brandão parlamentar;
Se bem que um pouco mais moço,
E', como o outro, um colosso!
Com mais carne e menos ossos,
Menos arte e mais esgar,
E', como o outro, um colosso
O Brandão parlamentar.

Na palhaçada famosos,
Seu palco tem cada qual;
Ambos actores jocosos
Na palhaçada famosos!
P'ra não viverem rixosos,
Sendo um bem ao outro igual
Na palhaçada famosos,
Seu palco tem cada qual.

Um no Lucinda dá sorte,
Outro na Camara a dá;
Em frescas momices forte,
Um no Lucinda dá sorte;
Outro da Camara o porte
A risota mette já..
Se um no Lucinda dá sorte,
Outro na Camara a dá.

Tem cada qual sua claque
P'ra acclamal-o popular...
De entusiasmo basbaque,
Tem cada qual sua claque.
Para que bem se distaque
Cada actor no seu lugar,
Tem cada qual sua claque
P'ra acclamal-o popular.

Temos, pois, no parlamento
Um segundo actor Brandão!...
De palhaçada um portento
Temos, pois, no parlamento!
Fazer rir é o seu intento;
Ria, por tanto, a nação;
Pois temos no parlamento
Um segundo actor Brandão!

CABRION.

FERROADAS

Ha coincidencias notaveis:

A Noticia deu a seguinte local na sua edição de sabbado, 18:

«Hoje, ás 2 1/2 horas da tarde, porque um cavalheiro, já adiantado em annos, se apresentasse na rua do Ouvidor, no goso de um direito justissimo, trajando uma bellissima sobrecasca de pello marron, formou-se logo, acompanhando-o em todo o percurso da rua, um ajuntamento chacoteador.

Com uma visivel expressão de dor na physionomia e envergonhadissimo com o que com a sua pessoa se passava, o cavalheiro ao qual nos referimos, procurava, de instantes a instantes, evitar tão humilhante vexame, occultando-se no interior de diversas casas de negocio, recurso que resultado algum produzia, pois que em frente ás portas as chacotas continuavam.

E, enquanto isto se dava, não havia, em toda a rua do Ouvidor, um unico policia, que puzesse cobro a esse acto indigno de uma cidade civilizada!»

No mesmo dia e talvez á mesma hora, acto não menos revoltante foi praticado na Camara dos deputados.

O Sr. Coelho Erico, propositalmente equivocado, chamava — enviado extraordinario de Sua Magestade Britannica ao representante de Portugal, que devia aqui chegar no dia seguinte; chacoteava da missão sympathetic que o illustre

diplomata vinha desempenhar, e, revivendo uns versos que o Sr. Thomaz Ribeiro escreverá a propósito do exílio de D. Pedro de Alcantara, insuflava animosidades jacobinas contra a colónia portuguesa.

E, enquanto isso se dava, não havia, em toda a camara, um unico deputado, um presidente unico, que puzesse côbro a essa molecagem!...

Dias depois, o mesmo Dr. Coelho respondia possesso e jocoso à censura digna e patriótica que lhe inflingiu o projecto *Jornal do Comércio*.

Perorando o seu sexquipedal aranzel, o dito deputado exhibiu um retrato do Sr. Thomaz Ribeiro e... cantou o

Chegou, chegou, chegou...

Depois, agitou o jornal, gesticulou para todos os lados, rodando sobre os calcanhares, e... furou o retrato com o dedo, no lugar em que estava o habito da Rosa!

Não consta, entretanto, que o Sr. presidente tivesse requisitado uma camisola de força...

Estará satisfeito o Sr. deputado?

Duvido.

Não obstante o seu estardalhaço, o ministro de Portugal foi recebido entre festas effusivas e calorosas por parte da gente sensata.

Condigna recepção lhe fez a imprensa, e, se alguns insuflados pelo Sr. Erico tentaram perturbar essas manifestações de hospitalidade, deve-se-lhes a commiseração indulgente de que se fez implacável credor o pandego deputado que não se assusta com a descida do cambio ao zero mental do seu juizo... E disse.

Depois do Sr. Erico, o Sr. Vicente Machado...

S. Ex. pintou ante-hontem o diabo no senado.

S. Ex. censurou o senado.

S. Ex. quer que o senado approve já os actos do Sr. Marechal Floriano.

S. Ex. exige que o senado approve, também já e já, a nomeação do Sr. Werneck para prefeito.

« O Sr. presidente chama a atenção do orador para o regimento da casa que não permite dirigir-se aos seus collegas com tão pouca cortezia. »

O orador, congestionado, interrompe as observações do Sr. presidente, continuando as suas censuras que apenas têm es apoios dos Srs. Esteves Junior e João Cordeiro, mas os protestos de todos os mais senadores. »

Ecce homo!

Não brinquem com elle, com o sultão da ex-legalidade, em Curytiba.

Lembrem-se de que ainda existe o kilómetro 65...

Em guarda!

PERNILONGO.

THEATROS

A Revista intitulada *Pontos nos ii*, actualmente em cena no theatro Lucinda, só justifica o seu título pelo facto de ter vindo real-

mente pôr os pontos nos ii relativamente à capacidade do seu autor como escriptor theatrical.

Desamparado do apoio que lhe prestara a pena adestrada de Moreira Sampaio para ensaiar os primeiros passos, a aptidão de Vicente Reis para por si só caminhar na conquista do bom crédito que anhelava como autor, era por muitos posta em dúvida.

Agora, com a representação da revista *Pontos nos ii*, ficou-se conhecendo cabalmente o grão dessa aptidão.

Effectivamente Vicente Reis pôde emprehender e conseguiu levar a seu termo a confecção de uma revista, que os espectadores do theatro Lucinda não deixaram de acutar, e até mesmo applaudir.

Não se pôde negar que já foi conseguir alguma cousa.

Para os frequentadores daquele theatro, habituados e afeiçoados às peças que constituem o repertorio da companhia que alli trabalha, a Revista de Vicente Reis pode ser uma peça regular, e, direi mesmo, de sucesso. Para uma plateia, porém, bem orientada em arte e bem edurada em letras, essa revista seria um desastre.

Para comprovar este asserto cemeçarei por observar que a revista *Pontos nos ii* não obedece a plano algum preconcebido, que lhe seja contexto no encadeamento dos factos de que trata, e nella mettidos como que a granel.

As quatro personagens que lhe são comrades em todo o correr da peça, além de nenhuma relação terem entre si que as associe a uma accão em desenvolvimento através das scenas que se sucedem, em nada absolutamente justificam os nomes com que figuram; e assim tanto se podem chamar *Poro, Anno de 1894, Destino e Ambição*, como Pedro, Paulo, Sancho e Martinha.

Isto quanto à parte mechanica ou architettonica, base principal de toda a peça de theatro, qualquer que seja o seu genero.

Quanto á parte critica e litteraria, a infelicidade não é menor.

Há muitas personagens inuteis, superfluas e banaes, que nenhuma significação critica representam, e são atiradas futilmente para a scena como enchimentos.

Há pobreza de criterio na observação de muitos factos, e pobreza de espirito na phrase e no modo porque são criticados.

Há ainda falta de aceio e de decoro tanto no geral da linguagem como na accão de varias peripecias, sendo a mais reprehensivel aquella em que o actor Brandão é despiro, ficando em ceroulas até ao final do quadro.

Há, finalmente, demasiado emprego de chapas populares e corriqueiras a rebaixarem o estylo na linguagem de todas as personagens, dentre as quaes nenhuma se destaca pela elevação do mesmo.

Tudo é chulo, sediço e por vezes mal cheioso.

Entretanto, no meio de toda esta pa-chuchada, lá surge de vez em quando uma scena feliz como a da casa de jogo que termina pelas compainhas vulgarisadoras da terminação do estado de sitio; um typo bem traçado como o do caipira braganhador; uma critica espirituosa como a do regosijo invisivel pela entrada da esquadra legal, e uma satyra mordente como a das subscrisções para as festas da commissão oriental.

Isto denota que, se ao autor fallece a experiença e a imaginação para bem delinear uma composição theatrical, não lhe falta, com tudo, intelligencia e tino para com o tempo e a pratica vir a engendrar-as e fazel-as menos defeituosas e mais... aceiadas.

Um conselho lhe dou, se m'o permitte:

Não se devaneça com o applauso que lhe possa render a intenção menos decórosa, menos decente de certas phrases ou scenas, por parte de espectadores ignorantes ou pervertidos de gosto. Eleve a sua imaginação e a sua linguagem até á altura de um idéal artístico e litterario, d'esses em que até a propria nudez pôde ser exhibida sem indecência.

E quando isto conseguir, reconhecerá que a admiração fria da gente instruida e educada

o ha de lisongear mais do que o caloroso aplauso da turba sem polidez.

Quanto á enscenação e desempenho da Revista *Pontos nos ii* só posso para ambos ter louvores.

Leonor Rivero, que faz um bom numero de papeis, e Miola que representa o da chamada *Ambição*, esforçaram-se dedicadamente para obterem a boa acceptação da peça, e Vicente Reis deve lhes ser grato por isso.

Leonardo reproduziu com fidelidade o typo do Caipira e soube fazer-se merecidamente applaudir.

Brandão não fez mais nem menos do que sempre faz em tudo. E' aquillo mesmo, sempre o mesmo, invariavelmente.

Todos, emfim, deram regularmente conta do seu recado em um reboleio continuo de maxixe acanahado, com o qual autor e actores teimosamente armavam ao entusiasmo febril dos espectadores eroticos.

O publico encheu litteralmente a casa na primeira representação, e consta-me que tem continuado a encher-a nas que se lhe tem seguido.

Pelos outros theatros nada de novo; continuam em scena as mesmas peças de que já tratei.

SANSÃO CARRASCO.

A NOSSA MESA

Recebemos:

Revista Industrial de Minas Geraes — Anno II, n. 4. Traz importantes artigos sobre assumptos de grande interesse para a industria e para o progresso em geral do paiz, e especialmente do Estado de Minas.

Revista Pedagogica — N. 43. Precioso repositório de estudos, observações e informações sobre o importante objecto que o seu titulo indica.

O Major — Revista fluminense do anno de 1894. Comedia phantastica em prosa e verso, em 1 prologo, 3 actos e 13 quadros, por Arthur Azevedo, com musica de diversos autores. Já em nossa edição n. 16, sob o título de *Theatros*, manifestamos o bom apreço em que temos esta excellente producção do festejado comedigrapho,

Justiça Federal — Formulario para o Juizo Federal, contendo legislação e doutrina, formulas e marcha processoriaes para a applicação da nova lei n. 221 ee 20 de Novembro de 1894, que completou a organisação da justiça federal, na parte concernente ás lesões de direitos pelas autoridades administrativas da União, pelo Dr. Cavalcanti de Mello.

Obra de palpitable necessidade e utilidade momentosa, que por si mesma se recomenda.

Hippodromo Nacional — Relatorio apresentado por sua Directoria á Assembléa Geral Ordinaria em 21 de corrente, organlsado pelo digno 1º secretario J. J. de Paula Rosa.

Turf-Club — Convite oficial para a corrida de 23 de corrente.

Jockey-Club — Convite oficial para a corrida a efectuar-se no dia 26 do corrente no *Prado Fluminense*.

Relatorio apresentado á mesa administrativa do *Asyl de Santa Leovoldina* em 3 de Fevereiro de 1895 pelo provedor da Irmandade de S. Vicente de Paulo, Dr. Liberato de Castro Carreira.

Estatutos do Gremio Litterario 30 de Setembro, que tem por fim reunir os alunos do Gymnasio Nacional para, pelos melhores meios possíveis, combinar e promover o progresso intellectual dos seus socios.

J. Gutierrez, successor da Companhia Photographic Brasileira — Um cartão de endereço contendo uma bellissima photo-lithographia do *Aquidaban* no dique da Ilha das Cobras.

Tão acreditado está já o famoso estabelecimento photographico do Gutierrez, que dispensa qualquer reclame.

A todos agradecemos.

D. MESARIO,



Chegada do Sr ministro de Portugal ao Rio de Janeiro no dia 19 de
Maio de 1895